

Observações para servir para uma ortografia do Waimare

Sebastian Drude

10 de Julho de 1995

Índice

1	Introdução	2
1.1	Os “Parecís”	2
1.2	O Waimare	2
2	Fatos Fonéticos	3
2.1	Os fones do Waimare	3
2.1.1	Consoantes	3
2.1.2	Vogais	5
2.2	Quadro fonético	6
3	Fatos Fonológicos	7
3.1	Os fonemas	7
3.1.1	Consoantes	7
3.1.2	Vogais	11
3.1.3	Elementos complexos	13
3.1.4	Questões abertas	15
3.2	Quadro fonológico	16
3.3	Distribuição e sílaba	17
4	Para uma Ortografia do Waimare	17
4.1	Ortografias existentes	18
4.1.1	Ortografia Kozarene	18
4.1.2	Ortografia Portuguesa	19
4.1.3	Ortografia “lingüística pura”	20
4.2	Uma proposta	20
4.2.1	Consoantes	20
4.2.2	Vogais	21
4.2.3	Outros elementos e questões abertas	22
5	Comentário	22

1 Introdução

No início de janeiro deste ano (1995) estive duas semanas com os Índios chamados *Parecís*, no estado do Mato Grosso, Brasil.

Eu fui por convite da *professora Míriam* para estudar a língua tradicional da população deste lugar, especialmente para esclarecer a parte fonética para chegar a primeiras avaliações quanto à uma ortografia para esta variedade da língua dos “Parecís”.

Antes de entrar nos fatos linguísticos, vou dar algumas informações sobre a aldeia e a língua e seus falantes (nas restantes seções desta introdução). Sigo com uma descrição fonética (capítulo 2), uma tentativa de um quadro fonêmico como resumo de uma análise brévia fonológica (capítulo 3) e no final vou avaliar as existentes ortografias (capítulo 4), e concluindo vou dar as minhas propostas quanto à ortografia (seção 4.2).

Devo salientar aqui o caráter brévio e incompleto que um resumo como este não deixa de ter, especialmente depois de duas semanas só que fiquei na aldeia (ver o comentário, capítulo 5).

Também quero muito agradecer a todos que possibilitaram esta minha estadia, que me ensinou tanto sobre uma parte da população indígena deste país. Espero que estas anotações, se bem que incompletas e por vezes precárias, diminuam um pouco a minha dívida com os Parecís e todos que me ajudaram.

1.1 Os “Parecís”

Os índios chamados *Parecís*¹ vivem no oeste do estado de Mato Grosso, entre as cabeceiras dos afluentes do rio Juruena na “Serra dos Parecís”.

Eles pertencem à família lingüística *Aruak* e são conhecidos pela sociedade branca, pelo menos, desde o início deste século. Eles entraram em contato mais próximo quando a comissão Rondon passou pelas suas terras. Alguns Parecís chegaram a trabalhar na linha telegráfica.

Desde o contato diminuiu-se drasticamente a população e as terras Parecís. Antigamente havia provavelmente pelo menos três subvariedades da língua, hoje parece que são duas, uma, o *Kozarene* com talvez 300 falantes, outra, o *Waimare* com nem trinta falantes nativos e ativos. Um outro nome, despreciativo, dos *Kozarene* é “Kabichi”, enquanto os *Waimare* desde Rondon (?) eram chamados “*Paressis*”, termo que hoje cobre as duas variedades. Existe um pequeno subgrupo chamado *Kachiniti*, hoje em dia, quase, se não totalmente, extinto. Eles falam aparentemente um dialeto que está desaparecendo do *Waimare*.

Foi com os *Waimare* que eu tive a sorte de poder estar.

1.2 O Waimare

O menor dos dois restantes dialetos (ou línguas), o *Waimare* é falado hoje em dia por cerca de uma dúzia de falantes. Todos falantes nativos que dominam bem a língua têm mais que trinta anos. Os *Waimare* mais novos entendem, e alguns até falam a língua como segunda língua, mas a língua mais usada é o *Português*, a não ser em conversas entre e com os velhos.

¹Variantes da designação do povo são: *Parecí*, *Paressí* etc.

Além disso, uns falantes vivem distante da aldeia principal, Bacaval.² Esta está localizada uns duzentosquilômetros noroeste de Tangará da Serra, Mato Grosso, algo leste da cabeceira do rio Papagaio. A aldeia tem aproximadamente 80 pessoas, quase todos parentes ou afiliados, que vivem da plantação de milho etc. e trabalham nas fazendas fora da área indígena.

Entre estas 80 pessoas há vários que falam também ou até melhor o outro dialeto **Kozarene**, outros nem são de descendência Parecí.

Os informantes mais importantes para mim foram Dona Otília, a anciã da aldeia, e os dois irmãos que vivem em Bacaval, Fabiano e André. Também indispensáveis foram as informações da Prof^a Miriam, filha de D^a Otília, e do marido dela, apesar de falarem também ou até melhor o **Kozarene**.

2 Fatos Fonéticos

Nesta seção vou dar uma lista completa dos sons observados por mim. Depois vou dar o quadro fonético, a partir do qual tentarei analisar o sistema fonológico, no próximo capítulo, antes de dar primeiras dicas para uma ortografia, na seção 4.2.

2.1 Os fones do Waimare

Observação: No nível fonético é difícil dizer, por exemplo, se um elemento é consoantico ou vogalico. Também pressuponho — não seguindo o caminho hermenêutico teoricamente correto — em partes uma análise fonológica nas decisões de apresentar sons complexos.

Nas minhas eliciações e anotações observei os seguintes sons:³

2.1.1 Consoantes

Melhor diria-se contoides⁴, nesta fase da pesquisa, pois “consoante” já é uma categoria funcional que pressupõe uma análise fonológica. Aqui incluí todos os sons que *possivelmente são consoanticos*. Estes não vão aparecer mais uma vez na seção das vogais.

[b]: plosiva bilabial sonora ([fabeba]: *chapéu*) (raro)

[m]: nasal bilabial sonora ([mâlsa]: *não*)

[ϕ]: fricativa bilabial surda ([ϕvate]: *macaco*)

[χϕ]: fricativa bilabial e posterior surda ([χϕvate]: *macaco*)

[v]: aproximante labiodental sonora ([vija]: *vamos*)

[v̥]: aproximante-fricativa labiodental sonora ([nakvira]: *raspar*)

[β]: fricativa bilabial sonora ([aβisa]: *hoje*)

²Por exemplo, em Utiariti, ex-posto telegráfico e depois posto dos Jesuítas, onde vários Waimare viviam sua infância.

³Como não tem sistematicamente consoantes não-pulmonais nem implosivos, subentendem-se os adjetivos “pulmonal” e “expiratório” em cada item abaixo.

⁴elementos que tem uma constrição oral ao se produzir.

- [β]: aproximante bilabial sonora ([oβi]: *cobra*)
- [t]: plosiva alveolar surda ([zo:tere]: *vermelho*)
- [t̪]: plosiva alveo(-dental) surda ([halit̪i]: *gente*)
- [t̪w]: plosiva alveolar labializada surda ([t̪waki:ita]: *faz tempo*)
- [n]: nasal alveolar sonora ([eno]: *alto*)
- [r]: “flap” alveolar sonora ([zo:tere]: *vermelho*)
- [ɾ]: “flap” retroflexa sonora ([noteɾa]: *beber*)
- [l]: lateral alveolar sonora ([oloniti]: *chicha*)
- [ɭ]: lateral retroflexa sonora (rápido, assemela-se a um “flap”) ([haliti]: *gente*)
- [ð]: fricativa dental sonora ([ðo:tere]: *vermelho*)
- [d̪ð]: africada dental sonora ([d̪ðo:tere]: *vermelho*)
- [ʒ]: fricativa alveolar(-dental) sonora ([ʒo:tere]: *vermelho*)
- [d̪ʒ]: africada alveolar(-dental) sonora ([d̪ʒo:tere]: *vermelho*)
- [ʒ]: fricativa palato-alveolar sonora ([ʒiana]: *casa de vocês*)
- [d̪ʒw]: africada alveolar(-dental) labializada sonora ([d̪ʒwutiare]: *veado*; [d̪ʒwima]: *criança*)
- [d̪ʒw]: africada alveolar(-dental) labializada sonora ([d̪ʒwutiare]: *veado*)
- [t̪ʃ]: plosiva alveolar palatalizada surda (ou africada alveo-palatar surda) ([at̪ʃa]: *árvore*)
- [t̪ʃ]: africada postalveolar-palatal surda ([at̪ʃa]: *árvore*)
- [t̪ʃw]: plosiva alveolar palatalizada e labializada surda (ou: africada alveo-palatar labializada surda) ([alalat̪ʃwa]: *gruda, cola*)
- [s]: fricativa alveolar surdo ([sala]: *quem*)
- [s̪w]: fricativa alveolar labializada surda ([s̪wvare haʔa]: *que é isto*)
- [ʃ]: fricativa post-alveolar surda ([hiʃiva]: *pode(s) passar*)
- [ʃw]: fricativa post-alveolar labializada surdo ([heʃwvita]: *você veste (?)*)
- [j]: aproximante palatal sonora ([ija]: *pegar, obter*)
- [j]: fricativa palatal sonora ([ija]: *pegar, obter*)
- [ç]: plosiva palatal surdo ([cijerç]: *preto*)
- [k]: plosiva velar surdo ([kãoka]: *chegou*)
- [k̪w]: plosiva velar surda labializada ([onok̪wva]: *céu*)
- [χ]: fricativa velar sonora ([neχa]: *ele disse*)
- [ʔ]: plosiva glotal ([ʔaʔa]: *árvore*)
- [h]: fricativa glotal surdo ([hanama]: *três*)

2.1.2 Vogais

(Ver a anotação na subseção “consoantes”. Se diz “vogais”, e não “vocoides”⁵ porque não se incluíram todos estes.)

Uma descrição fonética nunca é completa. Nas transcrições não expressei a sílaba acentuada basicamente porque muitas vezes não sabia identificar a sílaba tónica. Também não marco as vogais **nasais**, achando que elas não são fonemas, mas sem poder prová-lo. Estas duas categorias provavelmente suprasegmentais deixei para futuros estudos.

[i]: vogal fechada frontal não-redonda ([nimi]: *minha roupa*)

[I]: vogal fechada frontal – central não-redonda ([nimi]: *minha roupa*)

[ĩ]: vogal semi-fechada frontal – central não-redonda ([kozĩto]: *milho*)

[i]: vogal fechada central não-redonda ([kozito]: *milho*)

[ə]: vogal semi-fechada central não-redonda ([kozəto]: *milho*)

[o]: vogal semi-fechada posterior redonda ([one]: *água*)

[ɔ]: vogal semi-fechada posterior mais redonda ([ɔne]: *água*; [zɔarə]: *o que?*)

[u]: vogal fechada redonda ([imuti]: *branco, não-índio*)

[u̥]: vogal menos fechada posterior ([im̥uti]: *branco, não-índio*)

[o̥]: vogal mais que semi-fechada redonda ([im̥oti]: *branco, não-índio*)

[e]: vogal média frontal ([eno]: *alto*)

[ɛ̥]: vogal média-aberta frontal ([zɔit̥ɛ̥re]: *vermelho*)

[a]: vogal aberta central ([suarə]: *o que*)

[ɐ]: vogal semi-aberta central (fala rápida: [hanamɐ]: *três*)

[ɑ]: vogal aberta posterior ([hɑt̥ɑ]: *outro*)

[ãe]: ditongo (aberto central) → (médio frontal), não-redondo
([mãesa]: *não*)

[ãĩ]: ditongo (aberto central) → (semi-fechado frontal), não-redondo
([mãĩsa]: *não*)

[ão]: ditongo (aberto central não-redondo) → (semi-fechado posterior redondo) ([kãoka]: *chegou*)

[ãu̥]: ditongo (aberto central não-redondo) → (fechado posterior redondo) ([kãu̥ka]: *chegou*)

⁵elementos que não tem uma constrição, a não ser uma nasal, ao se produzir

2.2 Quadro fonético

Os sons descritos na seção anterior podem ser mostrados na forma clássica de um quadro fonético.

	bilab.	lb.dent.	dental	alveolar	post-alv.	retroflex	palatal	velar	glotal
Plosivas	b		$\underset{\text{h}}{t}$	$t^{\widehat{w}}$		c	k	$k^{\widehat{w}}$	ʔ
Nasais	m			n					
<i>Flaps</i>				r	ɾ				
Laterais				l	ɭ				
Fricativas surdas	ɸ			s $s^{\widehat{w}}$	ʃ $ʃ^{\widehat{w}}$		$\chi\Phi$	h	
Fricativas sonoras	β	$\underset{\perp}{v}$	ð	$\underset{\text{h}}{z}$ $\underset{\text{h}}{z}^{\widehat{w}}$	ʒ	j	ɣ		
Africadas			$\underset{\text{h}}{\text{tʃ}}$	$\underset{\text{h}}{d}$ $\underset{\text{h}}{d}^{\widehat{w}}$		$\underset{\text{h}}{tʃ}$ $\underset{\text{h}}{tʃ}^{\widehat{w}}$	$\underset{\text{h}}{tʃ}$		
Aproxim.	$\underset{\text{h}}{\beta}$	v				j			

Figura 1: Fones: Consoantes

	Frontais	Centrais	Posteriores
Fechadas	i	ɪ	u
		ĩ	$\underset{\text{h}}{u}$
Médias		e	$\underset{\perp}{o}$
		$\underset{\perp}{e}$	$\underset{\perp}{o}$ o
Ditongos		i	u
		e	o
		a a	
Baixas		a	ɑ

Figura 2: Fones: Vogais

3 Fatos Fonológicos

3.1 Os fonemas

Aqui vou apresentar os *resultados* da minha análise fonológica segmental, não mostrando cada passo do processo da pesquisa.

Dou, porém, em casos críticos a minha justificativa para a decisão tomada.

3.1.1 Consoantes

Consoantes, na definição mais adequada desta palavra, são *contoides* que não têm uma função silábica na língua.

Aqui apresento também sons que seriam vocoides, assim voltando para o significado original da palavra: con-soantes, elementos não-silábicos.

/b/: Um som que não parece original na língua. Ele aparece normalmente em palavras estranhas, como [ʃabeba] – *chapéu*, ou em palavras semanticamente marcadas, como [baba] – (*meu*) *pai*, “*papai*”. Também aparece em [sabikva] – “um saco pequeno”, [ʃiriba] – *cinto* e [nabãerini] – *meu cesto (para jogar arroz)*, todas designando objetos de fabricação de cestaria ou panos, e em [barava] – *filhote de peixe, peixe pequeno* — possivelmente empréstimos.

Variantes fonéticos: [b] / e.t.p.⁶

/v/: Esta aproximante bilabial [β] ou labiodental [v] pode ser uma variante consoântica do phonema /u/, especialmente depois de consoantes na fala devagar ([zɔ̃anama]: *quantos?*), mas conseqüentemente também entre vogais e até atrás de /h/, onde surge às vezes uma fricativa surda (ver abaixo, mas também: [kahvaka] – *ontem*). Mas considerei mais fácil tratá-lo como fonema para si. Assim não tem sequências de dois *tokens* de um fonema, entre outras coisas.

É possível também analisar as sequências **consoante+v** também como elementos complexos, consoantes labializados. Mas como existe também a sílaba que tem um v como consoante única no início, achei mais regular analisá-lo como consoante. Às vezes não há solução satisfatória para as semi-vogais.

O som pode virar mais fricativo, especialmente depois de /k/ ([nakvira] – *raspar*), também bilabial [β] ([ovi] – *cobra*), até, seguindo /h/, na fala rápida inclusive surda [ϕ], às vezes se juntando com o /h/ para formar uma fricativa posterior e labial [χϕ]. Já Rowan analisa isto como uma junção e não como fonema /f/.

Então constatamos os alofones:

— [ϕ] ≈⁷ [β] / h _____
— [v̥] ≈ [β] / k _____
— [v] ≈ [β] ≈ [ɣ] / n.d.p.⁸

⁶e.t.p.: em todas as posições.

⁷≈ significa: em variação livre.

⁸n.d.p.: nas demais posições

/m/: Uma consoante normal, sem grandes explicações. ([kamaɪ] – *sol*).

Alofones: [m] / e.t.p.

/t/: Um som fácil de delimitar dos demais fonemas. Não existe [d] ou som semelhante. A questão do /tj/ vamos discutir sob o ponto “elementos complexos”.

Como no caso de quase todos os obstruentes apicais, existe uma variante labializada se seguir [u, v, o(?)]: [tʰᵂᵤ tʰᵂa] – *tudo*, [kozi tʰᵂo] – *milho*, [tʰᵂuahija] – *faz tempo*.

Diante [i] existe uma variante livre dental: (–ti, sufixo abstrativo?)
[zehola tʰᵂi] – *juízo*.

Alofonia:

— [tʰᵂ] ⁹ / _____/i/
— [tʰᵂ] / _____/u/,/v/¹⁰
— [t] / n.d.p.

/z/: Este fonema tem um som diferente que no **Kozarene**, a variante [ð] aqui existe, mas é raro. Normalmente se pronuncia um [z] ([hezane tʰᵂu] – *minha mulher*), às vezes aparece uma leve africada, especialmente nos inícios das palavras ([tʰᵂani] – *vai*), isto também no caso da variante dental ([tʰᵂalaka kʰᵂa] – *quatro*). Mas isto quase nunca acontece diante de [i], aí temos uma variante palatal [ʒ] que Rowan (normalmente) reconhece como alofone.

O problema é que o /e/ muda às vezes de qualidade depois deste som e vira [i] ou até [ĩ], que causa às vezes uma confusão com o /i/.

Um argumento forte para a alofonia são as duas variantes de pronunciar o /z/ na palavra *irmão mais velho*. Falado por um adulto soa [azeze] ou [azi zi], mas na boca da criança [azi zi]. Constato: que mais posterior a vogal seguinte, que mais dental o alofone e vice versa.

Existe a alofonia usual entre variantes labializadas: [tʰᵂvima] – *criança*¹¹, [tʰᵂu kãero] – *relâmpago*, ...

Alofonia:

— [tʰᵂ] ≈ [tʰᵂ] / _____/u/,/v/
— [ʒ] / _____/i/
— [tʰᵂ] ≈ [tʰᵂ] ≈ [ð] ≈ [z] / _____/a/, [o]
— [z] ≈ [tʰᵂ] / _____/e/ (n.d.p.)

/s/: Este fonema é algo problemático. Rowan estabelece dois fonemas, um que ele representa por <S> e um por <J>. Porém, o segundo aparece, inclusive no seu próprio dicionário, quase somente diante de <I>, onde o

⁹isto é [tʰᵂ] ≈ [t]

¹⁰A vírgula significa “ou”.

¹¹interessante: o /i/ não afeita o [z] através do [v], o que acontece no caso do /s/:

[ʃ] / _____i, vi

<S> não aparece. Isto me faz suspeitar que vale para o **Kozarene** também, que eu proponho para o **Waimare**, que estas duas letras representam dois alofones do mesmo fonema. Os alofones neste dialeto são [ʃ] diante de /i/ ([ʃihari] – *besouro*) e [s] diante das outras vogais ([sala] – *quem*). Mantém-se o [ʃ], se bem que labializado, se se intercala um /v/ entre esta consoante e um /i/: [heʃ^vvita] – *veste*. Esta alofonia não existe para o fonema sonoro /z/.

As palavras com [ʃ] diante de outras vogais são parcialmente de origem portuguesa: [kaʃolo] – *cachorro*, [ʃabeba] – *chapéu*, ou incerta, mas estas são poucas: [ʃare] – *gavião*, [iʃu] – *inchada* (não aceita por todos falantes). Outro índice da alofonia é a pronúncia de palavras portuguesas que contém [-si-] por falantes nativos: *precisa*: *pt*[pʁɛsize] → *wm*[p^əreʃisa].

Talvez os dois alofones comecem se separarem sob a pressão do **português**.

Alofonia:

- [ʃ] / _____/i/ e em certas palavras (portuguêsas)
- [ʃ^v] / _____/vi/
- [s^v] / _____/vV-i¹²/
- [s] / n.d.p.

/n/: Um som não problemático. Eu não consegui ouvir alofones. Não tem outro fonema que interfere.

Alofonia: [n] / e.t.p.

/l/: Este fonema é bastante problemático. Rowan reconhece dois sons, um escrito por <L> e um por <R>. Para o **Waimare** acho poder mostrar que se trata de alofones, e como no caso do [ʃ] vs. [s] suspeito que isto vale também para o **Kozarene**. Mas os alofones se distribuem diferentemente nos dois dialetos (que como fato, já é indicio que os dois sons têm uma relação). Esta é a situação no **Waimare**:

Diante de /e/ encontramos sempre um [r] ([svare] – *o que*). Depois de /e/, /i/ e /âi/ o som também é mais de um [r], mas mais retroflexo, algo como [ɽ]: [nakviɽa] – *raspar*, [nozeɽa] – *cantar*, [tâeɽi] – *morro*. Nas demais posições o som parece mais como um [l], como em [iʃihola] – *tampa*, [oloniti] (ou [olonitĩ]?) – *chicha*. Com a hipótese de um só fonema se explica também a adaptação de *cachorro* *pt*[kaʃoxu] ou *pt*[kaʃohu] para *wm*[kaʃolo].

O problema se mostra na posição / V-e,i _____ i. O som nesta situação está entre [ɽ] e [l], algo retroflexo, como um [ɽ]. A ortografia de Rowan escreve <L>, mas na autopercepção no **Waimare** o som é mais para um [r] que para um [l], a pesar da qualidade fonética que subordinaria ele ao [l] ([haɽiti] – *gente*). Às vezes parece que um [r] claro aparece diante de [i], mas isto é parecido com o caso do [ʒ] vs. [z] — o /e/ muda também depois de /l/ frequentemente para [i] ou [ĩ], como em [noharĩ] – /nohare/.

¹²Vogal exepcto /i/

meu corpo ou [enofi] – *alto* que interpreto como /enore/, mas que aparece no dicionário dos Rowan como <ENOLI>. ¹³

O difícil parece estar na autopercepção dos falantes com forte influência do português que estão separando os dois fones. Isto se mostra no desejo de Miriam de escrever <L> e <R> segundo o som. Também existem poucas exceções da regra, mostrando um [r] entre dois /a/: [varata] – (*espécie de*) *papagaio*, [karava] – (*fruta, kará??*) ou [barava] – (*filhote de peixe*), esta última já suspeita pelo /b/ e não aceita por todos falantes.

Podemos concluir que existe uma alofonia que está no processo diacrónico de dissolução em dois fonemas, talvez mais avançada que no caso do [s/f]. Os alofones, então:

- [r] / _____/e/
- [ɾ] / /e/,/i/,/ãi/_____
- [l] / V^{-e,i,ãi}_____/i/
- [l] / n.d.p.

/k/: O /k/ não traz tantas dificuldades. Este fonema traz alofonias normais, soa mais palatal diante de /i/ ([cijere] – *cinza, preto*) e labializado diante de /u/ ou /v/, como em [k^wvaɸa] – *caçar(?)* ou [k^wuzəte] – *mais*. Normalmente tem o som de [k]: [haka] – *trabalhar*, [ekefe] – *seu nariz*.

- [k^w] / _____/u/, /v/
- [c] ≈ [k] / _____/i/
- [k] / n.d.p.

/j/: No Waimare este som não traz tanta dificuldade como no Kozarene, onde ele aparece atrás de muitas consoantes. Um problema é, porém, o bem-conhecido *se* ele é ou não um alofone em posições consoânticas de /i/ ou se é um fonema próprio.

Acho que este é mais um problema teórico do que descritivo e escrevo aqui da consoante (ou das variantes consoânticas, se se tomar a outra posição). Sendo que no Waimare todas as sílabas são abertas, é bem fácil supor que sílabas com esta variante deste som como primeiro elemento se encaixem no padrão e, então, esta variante seja uma consoante normal.

As duas variantes usuais, uma um pouco mais fricativa: /j/ e outra menos: /j/, estão em variação livre.

Um problema real traz o som ɣ. Rowan diz que ele é um alofone (estanho) do fonema /z/ = <X>, mas eu tive algumas indicações que de fato se trata de um alofone do /j/. Ele aparece em pouquíssimas palavras. O /j/ parece ser o consoante *default* que se insere se uma sílaba morfológicamente sem *onset* numa palavra, assim que duas vogais se encontrariam. Tenho o exemplo do sufixo¹⁴ ([-atere]: ???) que na fala não silabificada fica ([-jatere]). Outro exemplo é a palavra [azie]: *fumo* que também

¹³Mas compare <ENORE>: *Déus, ser superior*.

¹⁴não sei se se realmente trate de um sufixo, não entrei na morfologia... Mas tem varias palavras com esta terminação.

aparece como [aʒije] e se encontra no dicionário do *Kozarene* sob o lema <AXÍYE>.

Agora acontece que no caso das palavras com este som γ , quando se pede para silabificar, desaparece o γ do mesmo jeito! Também, quando se pede para os falantes escreverem a palavra ([e γ e]: *este* ou *pai*), por exemplo, eles escrevem <EE>, silabificando [e - e].¹⁵

Sendo esta questão como for, eu espero que tenho mostrado alguma razão para considerar o [γ] como alofone de /j/, que, como fricativa *posterior*, incluiria este alofone mais naturalmente que um fonema basicamente dental ou alveolar.

Temos então os seguintes alofones:

$$\begin{array}{l} \gamma \quad / \quad /e/ \text{_____} /e/ \\ j \simeq [j] \quad / \quad \text{n.d.p} \end{array}$$

/h/: O /h/ é um fonema regular do *Waimare*, uma consoante que se encontra no início de sílabas como qualquer outra. Isto implica, que o /h/ também se combina com o /v/ — mas a combinação da surdez do /h/ e a labialidade do /v/ deixa surgir uma nova fricativa, [$\chi\phi$] ou [$\chi\phi$]. Exemplos: [$\chi\phi$ are], [ϕ] ou, devagar: [**hv**]: (*um tipo de uma fruta pequena*).

Como na fala cuidadosa este som se dissolve para [h+v], seguimos Rowan na sua análise, constatando que um /f/ não existe no *Waimare*, se bem que ele aparece em um manual e no imaginário de alguns falantes, provavelmente causado pelo Português.

$$\begin{array}{l} - [\chi\phi] \simeq [\phi] \quad / \quad \text{_____} v \\ - h \quad / \quad \text{n.d.p.} \end{array}$$

[ʔ] não é fonema

Esta pelo menos é a minha opinião quanto a este som. Ele se encontra somente no início de palavras diante de vogais, não dentro de palavras, mesmo se se encontrarem duas vogais que não se juntam por /j/.

Por isto parece ser bem claro que a função dele é somente de delimitar palavras, fato bem conhecido de outras línguas.

3.1.2 Vogais

As vogais do *Waimaré* são poucas, mas têm muitos alofones às vezes bastante parecidos.

Não é possível aqui demonstrar a fonemicidade de cada. Uma grande ajuda foi o análise fonémico feito por Rowan que na parte das vogais parece, quase sempre, valer também para o *Waimare*.

Existem para cada vogal alofones nasais que em seguida não vou mencionar. O fato da nasalidade não parece ser fonémico, mas a relação da nasalidade com a finalidade das sílabas, com a letra /h/ e outros fatos precisam de mais estudos.

¹⁵ Admito que isto sozinho não indicaria muito, levando em consideração o grau da alfabetização dos falantes velhos e o fato que não existe nem o som [γ] nem uma letra para ele no português.

[ĩ] / h_____#, h_____hĩ# etc.
 ĩ¹⁶#, _____N¹⁷
 n_____#¹⁸

/i/: O /i/ aparece em duas variantes. Uma, [i], é usada dentro de palavras, obrigatória em sílabas acentuadas (se me foi possível identificar esta, ex.: [ĩfu]: *certo* (?)). Uma outra, [ĩ], é menos frequentemente usada, menos forte pronunciada. Ela aparece especialmente no final das palavras e somente em sílabas não-acentuadas ([fiharĩ]: *besouro*).

O problema é diferenciar este som do /e/ que tem alofones parecidos. Assim eu estou na dúvida, por exemplo, se se mudou ou não a vogal na palavra [oloniti]: *chicha* nestas duas frases em função da mudança tempo-/aspetual: [oloniti ʒizerita]: *vocês estão bebendo chicha?* vs. [olonit I/ĩ ite ʒiserihena]: *vocês vão beber chicha?* (morfologia para resolver.)

Este problema interferiu na análise dos sons [ʒ/z] e [f/s], ver pags. 8 e 9.

- [I] ≈ [i] / _____#, em síl. não-acentuadas
- [ĩ] / n.d.p.

/e/: Como já foi dito na ocasião da discussão do /i/, o /e/ possui alguns alofones bastante parecidos com os do /i/.

A variante menos marcada é [e] ([vãemare]: *(a língua dos waimare)*).

Mais frequentemente perto de /t/, aparece um alofone algo aberto: [ɛ] ([noʃivitʒ]: *meu neto*).

Especialmente perto dos sibilantes /s,z/, mas também às vezes perto de /r/ e /v/ o /e/ parece se centralizar e fechar. Mas isto nunca é obrigatório, e na fala devagar e “para o linguísta ouvir” na maioria dos casos se pronuncia um [e].

Frequentemente se escuta [ə] ([jazənamare]: *companheiro dele*), também [i] ([nãizĩtã]: *cheirar*), e especialmente perto de /z/ ouvimos uma vogal bastante fechada, mas provavelmente um pouco mais central que qualquer alofone do /i/:¹⁹ [ĩ] ([zĩrati]: *cantars*).

Temos então:

- [ə] ≈ [i] ≈ [ĩ] ≈ [e] / s,z,v , l_____,_____t
- [ɛ] ≈ [e] / t_____(?)
- e / n.d.p.

/o/: Tenho que apoiar o resultado de Rowan que os sons [u] e [o] são um fonema só. Não achei um par mínimo e ouvi vários casos de variação

¹⁶isto vale especialmente para /o/

¹⁷N = /m, n/. Isto vale especialmente para /a/

¹⁸Isto vale especialmente para ãĩ

¹⁹Isto é uma suposição que requer mais estudos com ouvidos mais treinados que os meus ou com uma equipagem técnica que eu não possuí

livre. Expressei isto por dar muitas alofones, mais do que no caso dos outros fonemas, dando assim um exemplo de como seria uma descrição mais cuidadosa.

É verdade que não encontrei a lei que diz quando este fonema é mais fechado e quando não — realmente tem algumas sílabas de certas palavras que aparentemente exigem mais o som de [u] do que de [o], mas isto não chegue a ser fonémico, pois a outra pronúncia também é aceita (pelo menos passivamente) e, como eu já disse, não encontrei nenhum par mínimo.

A descrição em termos bem-definidos fica então para ser feita, aqui constato os alofones:

- [u] \simeq [u̠] \simeq [o] / em certas palavras / sílabas
- [o] \simeq [o̠] / n.d.p.

/a/: Esta vogal não traz muitas dificuldades. Ele aparece muito frequentemente, vezes mais como [a]: ([a̠t̪a]: *árvore*), mas normalmente como [a]. Depois de /v/ ouvi somente [a].

Em sílabas fracas, especialmente no final da palavra, o /a/ pode soar mais centralizado: [ɐ] ([zvimeɐ]: *criança*), mas isto nem sempre acontece.

- [a] / v_____
- [ɐ] / _____#, em síl. não-acentuadas
- [a] \simeq a / n.d.p.

3.1.3 Elementos complexos

/t̪/: Este som é a única consoante complexa no *Waimare* — precisa-se então de uma justificativa para estabelecê-lo em vez de postular uma sequência de duas consoantes.

A razão é bem simples: exatamente porque ele é o único, fora da combinação de quase todas as consoantes com a semivogal /v/. Eu baseio a minha decisão em duas regras:

regra A A possibilidade de combinar dois elementos da mesma classe em um dado grupo é menor do que a possibilidade de combinar dois elementos de duas classes diferentes.

Isto significa: Se **elemento x** combina com **elemento y** mas não com **elemento z** na mesma posição, então **elemento x** e **elemento y** são mais provavelmente de duas classes diferentes, mas **elemento x** e **elemento z** podem ser da mesma classe.

regra B O número de postulados grupos diferentes, compostos por combinações de classes, deve ser o menor possível.

Isto significa: Evite-se abrir grupos com poucos membros. Se por exemplo, o grupo **consoante + consoante** tem um só membro, a combinação destes dois sons consonantivos deve ser avaliada como um elemento consoantico complexo.

Qual é a situação no Waimare? [t̥]+**vogal** e, mais raro ainda, [t̥]+v+**vogal** são boas sílabas do Weimare: ([alala~~t̥~~va] ou melhor ([alalat̥^wa]: *pegar, obter*) existem. Esta sílaba poderia ser a sequência

1. /t/ + /i/ (+/v/) + **vogal**
2. /t/ + /j/ (+/v/) + **vogal**
3. /t/ + /i/ (+v) + **vogal/**
4. /t̥/ (+/v/) + **vogal**

A primeira opção contradiz as duas regras: o /i/ aparece depois de uma consoante e antes de uma outra vogal (ou a semivogal /v/ mais uma vogal) somente se a consoante é o /t/ — segundo regra A isto sugere que /t/ e /i/ não são de categorias diferentes.

Também se abriria um padrão de combinações a mais: duas vogais numa sílaba, das quais a primeira só pode ser o /i/ (e, analogamente, um outro, incluindo a semivogal /v/ entre as duas vogais). Segundo regra B vale a pena pensar em conceber um elemento complexo.

Mas vamos primeiro analisar opção 2. Ela satisfaz a regra A, pois /t/ e /j/ seriam da mesma categoria (se se leva em consideração que as semivogais são elementos consoanticos). Mas esta opção cria o mesmo problema com a regra B como a anterior: A combinação de duas (ou, incluindo o /v/, três) consoantes seria restringida ao caso de /t/ + /j/, uma categoria com poucos membros.

A terceira opção satisfaz regra B (a falha da segunda) — restariam somente sílabas do tipo **consoante + vogal**, mas as vogais complexas que se suporiam apareceriam somente depois de /t/, que não combina com regra A.

Suponhamos então a última opção 4: analisamos a sequência [t] + [i] como elemento consoantico complexo.²⁰ A nova consoante vai de acordo com a regra A e combina com todas as vogais como as outras consoantes (inclusive com a semivogal /v/), ou seja: o /t̥/ se comporta como consoante qualquer.

Também não tem problema com a regra B, pois fora do novo tipo de consoante (consoante complexa) não se criam novas estruturas algumas.

Então vamos considerar o /t̥/ como uma consoante complexa. Ela tem dois alofones em variação livre:

$$- \text{t̥} \simeq \text{t̥} \quad / \quad \text{e.t.p.}$$

/ḁ/: As considerações que mostramos um pouco mais explicitamente no caso do /t̥/ valem também para os dois ditongos. Como não existem outras combinações de vogais do que com [a] como primeiro elemento e [i] ou [u] como segundo, e como estas sequências se comportam como vogais simples

²⁰Interessante também que a aparência frequente de [j] atrás de consoantes no Kozarene é analisado por Rowan como mera alofonia (palatalização de consoantes atrás de vogal frontal alta) — mas no caso do t̥ ele analisa-o como elemento complexo. Isto reforça nossa hipótese.

(combinam com /v/, por exemplo), supomos que se trate de elementos complexos, ou seja: ditongos.

Isto é reforçado pela fonética que não me mostrou nenhuma separabilidade dos dois elementos, ao contrário, a variação característica de ditongos se mostrou no caso de [ãõ] que muitas vezes aparece como [ãũ]: ([tãũnɪtɛ]: ???, [hikãõsi]: ???)

— $\text{ãũ} \simeq \text{ãõ}$ / e.t.p.

/ãĩ/: Vale o mesmo que foi dito no caso do /ãũ/. O /ãĩ/ aparece mais frequente e tem a alofonia correspondente, que reforça a minha hipótese de concebir ditongos, pois no caso do [a] + [o] a alofonia poderia explicar-se com a alofonia do /o/, mas /e/ e /i/ são dois fonemas.

— $\text{ãe} \simeq \text{ãĩ}$ / e.t.p.

3.1.4 Questões abertas

Parcialmente por causa do pouco tempo que fiquei entre os Waimare, também por causa da minha formação nada completa, restam várias perguntas, algumas das quais eu já mencionei.

- Tratamento do /j/ — como consoante ou alofone do /i/?
- Igualmente: tratamento do /v/ — possível alofone do /o/.
- Ou talvez seria mais adequado analisar combinações **consoante** + **v** como uma série de consoantes labializados?
- Quais são as regras subjacentes para a pronúncia do /o/ como [o] ou [u]?
- O [r] está ainda um alofone do /l/ ou já está começando formar um outro fonema (sob a pressão constante do Português)?
- Semelhante: [ʃ] vs. [s].
- Tem, contrariamente com a minha impressão, uma fonemicidade de **duração**, especialmente nas vogais?
- Quais são as regras do acento?
- Tem uma fonemicidade de **nasalidade**? Há algumas indicações para isto.

Assim Miriam dá possíveis pares mínimos: [ʒikauk'ã̃]: *vocês chegaram?* vs. [ʒik'auka]: *podem chegar!*; [mulut'ã̃]: *coisa que disbarrancou* vs. [mul'ut'ã̃]: *peixe cascudo*.

Nestes exemplos poderia-se argumentar que a nasalidade é um efeito secundário do acento. Mas como tive dificuldades em descobrir outros exemplos de um acento fonémico, esta questão fica em aberto.

Também tenho um exemplo em que ouvi o acento claramente na última sílaba, nos dois casos: [at'ũ̃]: *avô* vs. [hat'ũ̃]: *aquele*. No último exemplo ouvi um [u] levemente nasalizado, mas decididamente menos que no caso anterior.

3.2 Quadro fonológico

Como no caso dos quadros fonéticos, darei um quadro resumindo os meus fonemas propostos.

No caso dos vogais, contraste a minha tabela com a dos Rowan e Rowan, que abstraíram mais ainda e formularam para o Kozarene o quadro figura 5.

	labial	apical	dorsal	glotal
Plosivas	b	t	k	
Fricativas sonoras	v	z	j	
Fricativas surdas		s	tʃ	h
Nasais	m	n		
Líquido		l		

Figura 3: Fonemas: Consoantes

	frontais	centrais	posteriores
Fechadas	i		
Médias	e		o
Ditongos	i	a a	u
Baixas		a	

Figura 4: Fonemas: Vogais

	frontais	posteriores
Fechadas	i	o
Baixas	e	a
Ditongos	a ¹	a ^u

Figura 5: Fonemas: Vogais segundo Rowan

3.3 Distribuição e sílaba

Segundo a minha análise, existem somente sílabas abertas no Waimare, isto é, não existem sílabas que terminem em consoante.

Assim posso dar as sílabas em uma tabela, ordenada por *onset* numa escala

e por núcleo na outra.

		V	V ^V
-	inic.	[ʔ]+ V : /one/:[ʔone]	[ʔ]+ V^V : /a ^ũ ka/:[ʔa ^ũ ke]
	med.	(j)+ V : /enee/:[eneye] /...atere/:[jatere]	(j)+ V^V : ???
C	C	CV /one/, /avo/	CV^V : /ka ^ũ ka/
	C ^C	C^CV_a : /haʧa/	C^CV^V : /ʧa ^ũ ri/
Cv	Cv	CvV_b : /makakva/	???
	C ^C v	C^CvV_b(?) : /aʧva/	???

Figura 6: As Sílabas

Os símbolos têm o seguinte significado:

- **V**: todas as vogais simples, /a,e,i,o/
- **V_a**: todas vogais simples exeto /i/ (e talvez /e/), isto é, pelo menos /a,o/
- **V_b**: todas vogais simples exeto /o/, /a,e,i/
- **V^V**: todas as vogais complexos, /a^ũ,a^ĩ/
- **C**: todas as consoantes simples. /b,t,k,v,z,j,s,h,m,n,l/
- **C^C**: a conoante complexa, /ʧ/
- **C_a**: todas as consoantes exeto /v,j/ (e talvez também /m,n,l/) isto é, pelo menos /b,t,k,z,s,ʧ,h/

4 Para uma Ortografia do Waimare

O Waimare está na situação desfavorável de ser o dialeto menor e menos bem descrito de dois (ou mais?) dialetos de uma língua, e de ser uma língua minoritária dentro de um país que cada vez mais adota uma certa pressão de hegemonia cultural.

O primeiro fato leva a possibilidade de se restringir à ortografia elaborada do outro dialeto Kozarene, o segundo a de se servir até o máximo possível da ortografia hegemônica do Português, trazendo em cada caso dois tipos de dificuldades:

- As diferenças entre os dialetos e línguas podem afetar a utilidade e aptação da outra ortografia para este dialeto.
- A outra ortografia pode ter desvantagens conseqüentes ou de uma análise incompleta (no caso da ortografia do outro dialeto), ou conseqüentes de uma tradição que sincronicamente complica a adaptação (no caso da língua hegemônica).

Contra estes perigos crece a autoafirmação, o desejo de ter uma ortografia própria, indicando a independência de outros dialetos e da sociedade hegemônica. Esta ortografia deve ser com preferência uma ortografia que reflita ao máximo a análise desta língua, não levando em conta compromissos com outros sistemas ortográficos.

Esta tendência também traz problemas:

- A compatibilidade (desrespeitada) com os outros dialetos (tanto como com a língua portuguesa, no caso) pode ser de grande utilidade e instrumento da união de resistência.
- Nem sempre se conseguem verbas para montar um próprio modelo educativo com próprio material, com uma ortografia incompatível podem-se perder as chances de usufruir de material já existente.
- Numa situação bilingüe, o aprendizado de duas ortografias diferentes pode trazer confusão inecessária.

A solução é um compromisso destes fatores contraditórios. Muitas vezes, esta solução tem que acontecer mais em termos *políticos* do que em termos *lingüísticos*! Tenho que fazer, então, esta ressalva quanto à minha própria proposta: talvez ela pareça inadequada sob uma análise *política*, se bem que eu tentei levar em consideração os fatores mencionados.

4.1 Ortografias existentes

Aqui faço somente anotações às ortografias existentes quanto isto é de importância para o Waimare.

4.1.1 Ortografia Kozarene

A ortografia proposta basicamente por Rowan e usada em uma quantidade de material escolar e educativo, muitas vezes do SIL, quer fornecer uma ortografia simples que em alguns pontos se diferencia bastante da ortografia portuguesa.

Os semivogais são tratados diferenciadamente: enquanto o /v/ depois de consoante é ignorado pela ortografia como elemento especial e tratado como alofone do /o/ → <O> (que leva consigo que tem sílabas ortográficas com mais que três vogais), o /j/ sempre é representado por <Y>, também no caso da união com t: /tj/ → <TY>. Este anglicismo continua na representação do /v/ na posição de uma consoante normal por <W>.

Todos os supostos elementos complexos são tratados como dois elementos isolados (ou, se se trata de grafemas complexos, estes não são diferenciáveis das combinações): /a^ĩ/ → <AI>, /a^ũ/ → <AO>, /tj/ → <TY>.

O <U> não aparece.

O fonema /l/ é tratado como dois fonemas e representado pelos grafemas <R> e <L>, conforme o som mais parecido. Mas no caso de /l/+/i/ o Kozarene parece ter um som mais parecido com [l] e escreve <L>, enquanto o som do Waimare assemela-se mais a um [r] (ver seção 3.1.1, página 9).

Estranho é o uso do <X>, que se usa entre outras coisas para /z/, incluindo o som do [y], o que é consequência da análise que se faz deste som (alofone do

/z/, enquanto proponho o [ʒ] ser um alofone do /j/).

Mais estranho para o **Waimare** é a letra <J> como representação do som [ʃ] (que analisamos como alofone do /s/).

Como o /s/ não tem, segundo a análise deste dialeto, o alofone [ʃ], resta a letra <S> para o fone, não o fonema, [s].

Rowan usa o acento, mas eu não me lembro bem se e quais pares mínimos ele forneceu de acento. Ele não usa a til para indicar nasalidade.

A cartilha de saúde. Nesta obra, parcialmente em **Pareci**, se adota uma ortografia algo variada. Eu não tenho a cartilha aqui, mas eu me lembro que o <X> não se usa nesta versão, se não me engano implica-se na maioria dos casos o <Z>.

4.1.2 Ortografia Portuguesa

A ortografia **Portuguesa** é feita para uma língua bem diferente, a comparação é mesmo assim necessário, pois as crianças **waimare** são alfabetizadas nela.

Darei os mais importantes sons do **Waimare** e sua representação (se possível) pelo **Português**.

/j/ → <I>, o <J> tem um outro valor [ʒ]. Este som, por sua vez existe no **Waimare**, mas como alofone de um fonema que não existe no **Português**. Este último se escreveria mais provavelmente como <Z> ou talvez <DZ> para representá-lo (mas lembro aos alocos [ð, ð̃, ...]). O <Y> não se usa.

/v/ seria <U> ou <V>.

O **Português** diferencia entre /l/ e /r/ e escreve o grafema correspondente, como faz a ortografia **Kozarene**.

O [ʃ] é escrito como <CH> ou, às vezes, como <X>.

O /k/ tem um tratamento especial no **Português**, por razões históricas (como é o caso de quase todas línguas romanas): diante de /a,o,u/ escreve-se <C>, diante de /e,i/ porém <QU>. Como esta “alografia” é bem óbvia, não houve tentativas de levar esta particularidade para as línguas indígenas (para o **Quechua** existem estes fenômenos).

Mais irregular ainda é o tratamento do [s] — conforme a história da palavra ou posição nela escreve-se <S>, <SS> ou <Ç>.

O **Português** conhece a nasalidade como traço expresso na ortografia, ou por um <M> ou pelo til <~>.

Abstraindo do til e da nasalidade, existem dois ditongos correspondentes a /ã̃/ e /ã̃̃/ no **Português**, com alofonias semelhantes, escritos por <ÃO> e <ÃE>.

O outro elemento complexo do **Waimare**, /t̃̃/, é um alofone do /t/ no **Português** diante de [i], escrito por <T>+<I>.

Interessante também a alofonia do /o/ **Português**. em sílabas átonas – tanto para [o] como para [u] escreve-se <O>.

4.1.3 Ortografia “lingüística pura”

O postulado “ideal” por uma ortografia seria a relação “um fonema, um grafema”, e até se pensa muitas vezes em evitar grafemas complexos²¹ – mas este ideal é duvidoso frente a milhares ortografias tradicionais que quebram com estas regras e continuam funcionais. Muitas vezes as línguas indígenas sofrem por estes ideais que postulam ortografias artificiais para elas.

Mesmo assim vou apresentar o contraste aqui, a avaliação é um outro passo.

Os fonemas simples se escreveriam sempre quando possível com o mesmo grafema que designa o fonema.

No caso das semi-vogais usam-se muitas vezes os grafemas ingleses <W> e <Y>, estas seriam então as propostas para o /v/ e o /j/.

Se tende manter a unidade fonémica, então o /s/ seria sempre <S>, mesmo com o som de [ʃ].

O mesmo vale para o /z/ → <Z> (incluindo o alofone [ʒ]).

O mesmo para o /l/ que seria <L> (ou <R>, mas o [l] parece ser o alofone menos marcado).

Igualmente o /o/ seria independentemente da forma fonética <O>.

Fones complexos analisam-se em seus componentes, se possível, então o [f] e semelhantes seria sempre <HW>.

Quanto aos elementos complexos, o preferido seria um só grafema, então se pode pensar até no <J>, por exemplo, para escrever o /tʃ/.

No caso dos doptongos esta regra normalmente não se adota tão rigidamente, então poderia escrever-se o /a^u/ por <AW> ou <AU> ou, um pouco mais liberal, <AO>, e o /aⁱ/ por <AY> ou talvez por <AI>.

4.2 Uma proposta

Eu já falei sobre os meus critérios no início deste capítulo. Normalmente a minha preferência estava com a ortografia **Portuguesa**, usando critérios linguísticos nas decisões, mas não fazendo muitos compromissos com o **Kozarene**.

É bem capaz que as possibilidades de sobreviver deste idioma dependam de usar o material do **Kozarene**, trazendo o perigo de se assemelhar.

Estas são as propostas que eu elaborei com e fiz para professora Míriam antes de sair de Bacaval.

Ordeno-as segundo as fonemas.

4.2.1 Consoantes

/b/: unanimamente.

/m/: <M> unanimamente.

/v/: <W>. Para destacar o caráter consoântico usa-se o <W> em vez do <O> (Rowan) que esconde o som e a função diferentes da vogal. Possível seria também o <U>, imitando o **Português**.

Escrevemos <W> também atrás de /h/ (som de [f] e parecidos).

²¹ assim o <X> para o /f/ seria preferível diante de um <CH>.

/t/: <T> unanimamente.

/n/: <N> unanimamente.

/l/: <L> e <R>, conforme os alofones. Isto concorda tanto com o **Português**, que tem dois fonemas, como com o **Kozarene**, cuja ortografia ignora o provável status fonêmico dos dois fones.

Problemático só na posição /a,e,o/ / /i/, que ele varia entre <R> e <L>. O **Waimare** tende mais para <R>, o **Kozarene** para <L>.

/z/: <Z> e <J>, conforme a alofonia. Seguimos o **Português** e a cartilha de saúde e não Rowen que usa <X> — isto não traz confusão com o **Português** na alfabetização?

O <J>, por sua vez, traz o problema de confusão com esta letra no **Kozarene** para o [ʃ]. Não entendo essa decisão.

/s/: <S> e <CH>, conforme o **Português**. O problema é a confusão com o **Kozarene**, essa é a razão para não escolher o <X> para o som de [ʃ]. Também existem bastantes palavras do **Português** que inibem a adaptação de um só grafema.

<CH> parece ser inclusive melhor para o **Kozarene** ([tʃ]...).

/k/: <K> apesar do **Português**.

/j/: <Y>. O **Português** escreveria <I>, que também é uma opção possível. Prefiro marcar a semivogal. O <J> ia trazer confusão com o **Português**. O <Y> parece ser uma escolha boa pelo menos para o alofone [ɣ].

/h/: <H> unanimamente.

/tʃ/: <TY>. Seguimos aqui a ortografia **Kozarene**, que anda bem com o <Y> para o /j/. Se este seria mudado para <I>, o /tʃ/ também deveria ser <TI>. Uma só letra para este elemento complexo não parece necessário.

4.2.2 Vogais

/i/: <I> unanimamente.

/e/: <E> unanimamente, mas cuidado com o material de Rowan e Rowan para o **Kozarene**, que às vezes analisa /i/ onde no **Waimare** se deve entender /e/.

/o/: <O> e <U>, conforme a alofonia. Sigo a autopercepção, obviamente influenciada pelo **Português**. Rowan usa <O> unicamente. Resta constatar o perigo de uma escritura arbitrária de palavras, às vezes com <O>, outras vezes com <U>.

/a/: <A>, unanimamente.

/ã/: <AU>. Poderia pensar-se em usar o <AO>, também, para assemelhar ao **Português**. <AW> seria artificial, mas teria a vantagem de manter a grafia de um morfema se este termina com /ã/ — agora, escrevemos <...AU> + <E> → <...AWE>.

/ã/: <AI>, unanimamente. <AY> seria construído demais, mas teria a mesma vantagem que descrevi no /ã̃/.

4.2.3 Outros elementos e questões abertas

Outros elementos gráficos. Acho desnecessário (mas sem efeitos más) usar o til <~>, Mas não tenho certeza nesta questão.

O acento pode ser útil para a leitura, já que ele existe tanto na ortografia Kozarene como no Português. Não sei o status fonêmico.

Quanto à interpontuação não sei dizer nada — isto requeria estudos profundos na sintaxe da língua. O mesmo vale para a questão se e quais palavras se devem escrever com maiúsculo. Esta parte da ortografia é, no caso das línguas nativas que estão somente começando a criarem uma tradição ortográfica, resolvido com menos raciocínio. Usualmente se transfere o sistema português de alguma maneira, e não se estabelecem regras bem definidas.

Questões abertas. Não estou bem feliz com algumas decisões que se tomaram. Por exemplo a letra <J> para o alofone [ʒ] — isto vai bem com o Português, mas causa problemas com o material do Kozarene, onde esta letra significa um [ʃ].

Outra solução incompleta é a escolha de <O/U> para /o/ — em várias palavras a ortografia vai variar de escritor a escritor (ou talvez em textos do mesmo autor). Quais são os critérios?

Também o <W> não me parece necessário, já que nem o Português, nem o Kozarene usa esta letra. O <U> seria uma solução algo melhor, também por causa dos possíveis processos de formação de palavra mencionados acima (página 21). Isto seria a preferir da solução de representar o ã̃ por <AW>.

5 Comentário

Como é de esperar num estudo, tenho que salientar mais uma vez o caráter brévio destas anotações. O tempo vai mostrar se as conclusões são válidas e as propostas são úteis.

Devo apontar, mais uma vez, à necessidade de futuros estudos, tanto para os fenômenos supra-segmentais (nasalidade, duração, acento, ...) como para a morfologia, sintaxe e semântica desta língua.

Também espero que os Waimare tenham a força de manterem o seu jeito de ser e a sua língua, frente à dupla pressão de ser a minoria tanto entre os restantes Parecís como na sociedade brasileira.

Que este estudo e outros futuros, tanto como a ajuda de instituições e a solidariedade entre os povos indígenas ajudem enfrentar este compromisso!